

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais**

Braga, 27 de Setembro de 2018

Senhor Arcebispo Primaz, Patrono da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (*FFCS*),  
Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa,  
Senhor P. Provincial da Companhia de Jesus, Vice-Chanceler Delegado,  
Senhor Presidente do Centro Regional de Braga da *UCP*,  
Senhor Professor Miguel Gonçalves, Diretor cessante da *FFCS*,  
Senhor Diretor da Faculdade de Teologia da *FFCS*,  
Senhor Presidente da Associação de Estudantes da *FFCS*,  
Caros Educadores da *FFCS*,  
Caros Estudantes,  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Agradeço a presença de todos.

Com todos os que colaboram nesta Faculdade e à qual dedicam as suas vidas, e os membros que fazem parte da Direção, Professores Alexandra Esteves, João Amadeu, Paulo Dias, Álvaro Balsas e Bruno Nobre, proponho-me tentar contribuir para que, em união e interajuda, possamos cumprir a missão para a qual fomos chamados: educar os nossos Alunos numa Universidade Católica. Os Alunos são a razão de ser da existência da *Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FFCS - a partir daqui)*. Foi a pensar neles e no seu contributo para a construção de uma sociedade mais justa e reconciliada<sup>1</sup>, que a *Universidade Católica Portuguesa (UCP - a partir daqui)* encontrou a motivação fundamental para a sua missão didática e pedagógica, assumindo um projeto científico e educativo plenamente sustentado num humanismo que encontra as suas fontes e raízes nos princípios evangélicos. A

---

<sup>1</sup> Cfr. Arturo Sosa, S.I. (2018). “La Universidad fuente de vida reconciliada”. Encuentro Mundial de Universidades encomendadas a la Compañía de Jesús. Loyola, 10 julio 2018. Disponível em: <https://jesuitas.lat/es/noticias/749-discurso-del-p-general-arturo-sosa-s-j-la-universidad-fuente-de-vida-reconciliada>

credibilidade da UCP passa, necessariamente, pelo que os seus Alunos fazem *na e das* suas vidas, a partir do que nela aprenderam e viveram, e cujos parâmetros avaliativos serão sempre a sua relação e cooperação com os outros na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, em que a imanência e a transcendência se entrelaçam e complementam. Formar, muitas Universidades o fazem. Todavia, educar é ir muito mais além. É aqui que a UCP se tem de diferenciar, porque a sua Luz e Guia se encontram nos valores do Evangelho. Há *Rankings* quantificáveis para o saber, mas não os há para a sabedoria, para o crescimento que um Aluno faz, a nível do coração, ao fim de um percurso escolar. Se uma instituição universitária não educar, para além da razão, o coração, pode fazer mais mal que bem. Peter-Hans Kolvenbach, antigo Superior Geral da Companhia de Jesus, insistia em que o critério real para avaliarmos uma instituição educativa depende do que os Alunos *cheguem a ser*<sup>2</sup> a nível humano, moral, espiritual, e não somente a nível intelectual ou profissional<sup>3</sup>. Educar, como diz Kolvenbach, tem de passar pela cabeça, pelo coração e pelas mãos, para interligar o pensar, o entender, o sentir, o querer, o agir e o construir<sup>4</sup>. A educação aparece-nos, nesta perspetiva, não como algo meramente intelectual, mas como formação da vontade e dos afetos, ordenados para um crescimento que combina a transformação do mundo com o desenvolvimento pessoal responsável<sup>5</sup>. Excelência, na educação, significa crescimento humano, mais que excelência como êxito. Traduzir excelência pela simples busca do êxito é muito tentador, porque quase todos o procuramos. Todavia, o êxito não dá nenhuma garantia de felicidade, nem de crescimento humano, nem de profundidade. A excelência que procuramos é o *magis* de Cristo, o *magis* da pessoa, o *magis* do serviço, da entrega, da responsabilidade<sup>6</sup>. Por isso nos diz a *Ex Corde Ecclesiae*,

---

<sup>2</sup> Cfr. Peter-Hans Kolvenbach sj (2008). “El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesus en los Estados Unidos”: Universidad de Santa Clara, 6 de octubre, 2000. In *Selección de escritos del P. Peter Hans-Kolvenbach, 1991-2007*. Ed. Provincia de España SJ. Madrid: Editorial Curia del Provincial de España de la Compañía de Jesús, 2008, 304.

<sup>3</sup> Peter-Hans Kolvenbach sj (2008). “Lección inaugural en la Universidad San Alberto Hurtado”: Santiago de Chile, 1 de mayo de 2006. In *Selección de escritos del P. Peter Hans-Kolvenbach, 1991-2007*. Ed. Provincia de España SJ. Madrid: Editorial Curia del Provincial de España de la Compañía de Jesús, 2008, 338-346.

<sup>4</sup> Cfr. Peter-Hans Kolvenbach, sj (8 junio 1989). *El segundo centenario de la enseñanza jesuítica en Estados Unidos de América*. Georgetown: UNIJE - Universidades Jesuitas, 78.

<sup>5</sup> Cfr. Luis Ugalde (2000). *Espiritualidad y Educación Ignaciana*. Centro Virtual de Pedagogía ignaciana: 12-6.

<sup>6</sup> Cfr. Adolfo Nicolás S.J. (2013). *La Educación en la Compañía de Jesús*. AUSJAL – Asociación de

citando a *Gravissimum Educationis* do Concílio Vaticano II, que a finalidade da Universidade Católica é ser uma presença «pública, constante e universal do pensamento cristão em todo o esforço dedicado a promover a cultura superior e, além disso, a formar todos os estudantes, de modo a que se tornem homens e mulheres verdadeiramente insignes pelo saber, prontos a realizar tarefas responsáveis na sociedade e a testemunhar a sua fé perante o mundo»<sup>7</sup>.

No entanto, a excelência de uma Universidade não se mede unicamente pelo projeto educativo proposto, nem pelo ensino e investigação desenvolvidos. A excelência tem de passar, igualmente, pela qualidade organizacional da instituição. O primeiro contacto que alguém tem com uma Universidade começa numa portaria, continua numa secretaria e prolonga-se pelos corredores e afins... O Aluno, quando entra numa Universidade, o primeiro espelho em que se revê, não são os professores, mas os Colaboradores Não Docentes. Estes são pessoas imprescindíveis para o sucesso ou insucesso de uma Universidade. Sem o seu contributo e participação ativa e motivada na vida de uma Universidade, algo de essencial se perde. A atenção ao pormenor e o desbloquear de situações que poderão tornar-se, eventualmente, em problemas que muito desgastam uma Instituição, depende bastante da sua intervenção, sensibilidade e, naturalmente, preparação. Como tal, a missão educadora de uma Universidade começa, em primeiro lugar, por eles.

Quero saudar, de forma muito especial, o diretor cessante, Professor Miguel Gonçalves, que, durante sete anos e para além do exercício desgastante do seu cargo, se entregou com alma e coração a um processo nada fácil e que viria a culminar na fusão da *FacFil* e da *FaCis* na *Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais*. Este foi um dossiê que teve de ser conduzido com muita sensibilidade e ponderação, já que o que esteve sempre em causa em todas as decisões que foram tomadas foi o conciliar, em equilíbrio, o bem da pessoa e o bem da Instituição. Apesar dos momentos difíceis vividos, a *UCP* deve estar muito grata ao Professor Miguel Gonçalves por este caminho ter sido concluído com êxito. Por isso, em meu nome pessoal, tal como dos Professores Costa Pinto, Augusto Silva, João Amadeu, Carlos Morais, Paulo Dias, José Carlos Miranda, Sérgio Tenreiro, que mais diretamente acompanharam o Professor Miguel neste processo, um sentido e profundo obrigado

---

Universidades Confiadas a la Compañía de Jesús en América Latina, s. p.

<sup>7</sup> João Paulo II (15 de agosto de 1990). Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, n. 9. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_jp-ii\\_apc\\_15081990\\_ex-corde-ecclesiae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html)

por todo este trabalho. Associo, de igual modo, o agradecimento de todos os Colaboradores Docentes e Não Docentes que trabalham nesta Instituição, pelo modo como exerceu a sua missão de Diretor. Nesta hora de passagem de testemunho, estou convicto que vamos continuar a usufruir da sua experiência e da sua colaboração, uma ajuda sempre preciosa e desejada. Por isso, muito lhe agradeço os conselhos, a paciência e total disponibilidade com que me vem passando os assuntos da Faculdade. Muito obrigado por tudo, Professor Miguel.

Recordo os tempos em que há cerca de vinte e poucos anos entrei nesta Faculdade como estudante jesuíta. O curso de Filosofia foi um momento muito importante na minha formação como pessoa. Recordo com gratidão os professores, agora meus colegas que, com competência e dedicação, fizeram do Curso de Filosofia um Curso com “peso” no mundo académico em Portugal. Do corpo desses professores faziam parte jesuítas e leigos, alguns ainda no ativo e hoje aqui entre nós que, em corresponsabilidade, como o quer a Companhia de Jesus, desejo bem expresso nas últimas Congregações Gerais, fazem do seu trabalho na Universidade uma missão vivida em comum. Recordo a união existente entre todos, incluindo os Colaboradores Não Docentes, o que fazia da nossa Faculdade um lugar aprazível para todos os Alunos que nos escolhiam para se prepararem para a vida. Nunca será demais recordar, como escreve João Paulo II, que, sem o compromisso competente dos leigos católicos, a Universidade Católica teria um futuro bem mais problemático<sup>8</sup>.

Todos nós, os que estamos nesta Faculdade, lutamos para que a sua influência positiva e construtiva na sociedade portuguesa seja uma realidade. Foi esta a ideia-força que esteve por trás da sua fundação, no pensamento dos responsáveis da Companhia de Jesus da altura. A *Faculdade de Filosofia*, hoje *Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais*, embora sendo a Faculdade mãe da *Universidade Católica Portuguesa* e, por isso, também a sua Faculdade mais antiga, hoje está plenamente integrada na mesma. A nossa identidade, portanto, está marcada, na sua origem, pela inacianidade e pelos *Estatutos* da UCP.

A Faculdade, como Obra Apostólica da Companhia de Jesus, leva, assim, a marca da mesma, a qual tem de ser conhecida, assegurada e vivida por toda esta comunidade académica, que é constituída por Alunos,

---

<sup>8</sup> Cfr. João Paulo II, Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990, n. 25. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_jp-ii\\_apc\\_15081990\\_ex-corde-ecclesiae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html)

Colaboradores leigos e Jesuítas. A Comunidade dos jesuítas da FFCS, a Comunidade de formação Pedro Arrupe e o CAB (*Centro Académico de Braga*) sempre foram e são uma presença forte na nossa Faculdade e continuarão a contribuir para que a identidade jesuíta desta Faculdade saia ainda mais forte e reforçada. Este ano recomeçaremos na FFCS o Juniorado da PPCJ, o que é mais uma prova do quanto a Companhia tem em apreço a Faculdade. Destes jovens jesuítas esperamos uma presença marcante e atenta.

Conhecemos a importância da Companhia no mundo da educação. É verdade que a consciência para esta missão educadora, a Companhia a foi adquirindo, paulatinamente, através de um processo de discernimento do qual Santo Inácio foi o protagonista. Não há muitos anos, Adolfo Nicolás, então Superior Geral da Companhia de Jesus, que visitou esta Faculdade há cerca de três anos, delineou, num texto de 2011, a forma como a Companhia de Jesus entende a Identidade e Missão das suas Obras educativas<sup>9</sup>. Elencou, neste sentido, quatro razões: *utilitas, iustitia, humanitas e fides* (utilidade, justiça, humanidade e fé).

#### *Utilitas.*

O espírito que deve enformar quem aprende numa Universidade deve ser o de querer resolver os problemas das pessoas concretas, tendo em conta, fundamentalmente, os mais pobres. Este deve ser o espírito de quem se dedica à docência e à investigação numa Universidade Católica. Todavia, a utilidade em sentido prático, tem de fazer com que a investigação não cuide somente dos problemas imediatos, mas também daqueles que afetam a humanidade de hoje: um desenvolvimento sustentável e justo, a convivência intercultural, e os valores que dão sentido a uma ação transformadora da nossa sociedade.

A docência prática, por sua vez, deve orientar-se, sempre, por uma dupla vertente: *virtus et litterae*. Um bom profissional é aquele que, para além de competente, é uma pessoa educada, tem um bom coração e pensa nos outros. O respeito pela dignidade de cada um na construção de um mundo mais fraterno e justo tem de ser inerente ao exercício de uma profissão e a qualquer tomada de decisão na mesma. Educar pessoas, então, em *utilitas*, é educar pessoas para o serviço. Uma pessoa é

---

<sup>9</sup> Cfr. Adolfo Nicolás (31 de julio 2011). “El Paradigma Ledesma Kolvenbach – Identidad y Misión para las universidades jesuitas”. In Adolfo Nicolás, Superior General de la Compañía de Jesus. *Extracto de la Conferencia “Misión y Universidad: ¿Qué futuro queremos?”* (ESADE Barcelona 12 de noviembre de 2008). [s.e.]. Montevideo. Disponível em: <https://bit.ly/2Nzaqou>

“útil” quando, em liberdade, serve os outros. Como diz Adolfo Nicolás, o importante não é formar os melhores do mundo, mas formar aos melhores para o mundo. Nesta perspectiva, a excelência de um profissional mede-se, acima de tudo, pelo parâmetro do maior serviço à família humana.

### *Iustitia*

A promoção de uma sociedade mais justa faz parte da vida de uma pessoa que se diz educada. Uma pessoa “mal-educada” não pensa nos outros, especialmente nos que não têm voz, nos mais débeis.

Numa instituição educativa, a promoção da justiça e a sensibilização dos estudantes para a mesma, deve começar a nível interno: nas relações interpessoais; na docência; nos conteúdos e no modo como se ensinam; na investigação sobre os grandes problemas da humanidade; nos projetos que se vão pensando e desenvolvendo, ...

### *Humanitas*

Ledesma referia-se, no séc. XVI, à *humanitas*, como aquele atributo que dá decoro, esplendor e perfeição à nossa natureza racional.

Acreditar na pessoa humana, apesar dos factos e sinais por vezes tão pouco abonatórios, faz parte, sempre, de quem vive no pressuposto de que a última palavra é a Ressurreição e não a morte ou o pecado. É por isso que uma Universidade Católica tem de ajudar os seus alunos, em liberdade, a descobrirem todas as suas dimensões, inclusive a espiritual, que tão silenciada é na sociedade contemporânea.

A educação superior não pode organizar a aprendizagem dos seus Alunos tendo em vista unicamente as suas competências para o mercado do trabalho. Estas, para irem ao encontro de uma formação integrada e integral do ser humano, têm de ser “balizadas” pelo marco do humanismo. É, por isso, fundamental, que a “inquietação” na construção de um mundo mais humano faça parte do *ser* de um Aluno educado, tendo o Evangelho como reflexão obrigatória para o reforço de uma consciência cada vez mais apurada no sentido do serviço e de uma ação para com os outros, discernida em caridade.

Nestes últimos anos, os jesuítas e leigos implicados na educação universitária, na linha de Kolvenbach, falam de quatro características (4 C’s) que uma pessoa educada deve levar consigo. Diz-se, por isso, que o espírito humanista gera pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas. Conscientes de si mesmas e de um mundo, no qual agem e interagem, feito de dramas e dificuldades, mas também

aberto à esperança; competentes, para com os outros participarem, com a sua preparação, na resolução dos problemas técnicos, sociais e humanos que afligem a sociedade; compassivas, isto é, com capacidade de se meterem na “pele” dos outros, envolvendo-se nas suas dificuldades, expectativas, esperanças, inseguranças e alegrias, acompanhando-os para que, em solidariedade factual, encontrem caminhos de esperança para as suas vidas, por vezes condenadas a arrastarem-se no sentido do *nada*. Esta compaixão, que nada tem a ver com um sentimentalismo superficial que humilha quem se pretende ajudar, é o motor que conduz a um compromisso, a uma forma de estar com o outro, que não dá nem espera algo, mas antes se dá a si próprio. A estes quatro “C’s”, Arturo Sosa, acrescenta um quinto, coerência, a qual nos “revela” a vida, feita verdade, que levamos dentro de nós<sup>10</sup>.

### *Fides*

Por vezes, hoje em dia, torna-se muito delicado falar de *fides*, de fé, já que, mesmo nas Universidades ligadas à Igreja, muitos dos leigos não partilham plenamente a nossa fé. A fé não pode ser um pretexto para nos separar e dividir. Mas, falar de fé, numa Universidade Católica, não pode ser um tabu. A comunidade jesuíta e os leigos, que vivem a sua fé, devem ter, neste aspeto, um papel fundamental na FFCS. Não para imporem nada, mas para proporem um *modo de ser e de estar* na vida da FFCS, um caminho para um crescimento humano mais pleno e equilibrado. A fé faz-nos sair de nós próprios, faz-nos aceitar melhor a nossa personalidade, com as nossas debilidades e dons, faz-nos melhores pessoas para os outros. A fé convida-nos a superarmos os medos que são inerentes à nossa condição humana: o medo à dor, à doença, à insegurança, à solidão, ao insucesso, à pobreza, ... Ela impele-nos a desenvolvermos, paciente, apaixonada e perseverantemente, a *utilitas*, a *iustitia* e a *humanitas*. A *utilitas*, como serviço de cooperação na Criação contínua do mundo; a *iustitia*, como chamamento à transformação do mundo em prol da solidariedade e da reconciliação (Reino de Deus); a *humanitas*, como acreditar profundamente no amor de Deus ao ser humano e na sua capacidade de transcendência. Por isso, os que têm fé estão abertos a trabalhar com colegas que partilham a mesma paixão pela *utilitas*, a *iustitia* e a *humanitas*, embora possam não ter fé, já que o critério de autenticidade da nossa fé é o trabalho pelo bem de cada ser humano.

No fundo, juntos temos de trabalhar o “espírito humano”, isto é, a nossa

---

<sup>10</sup> Cfr. Arturo Sosa, SJ (2017). *Homilía del P. General, en la Eucaristía final del Congreso Internacional de Delegados de Educación de la Compañía de Jesús*. ([JESSEDU] Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2017).

liberdade e a qualidade das nossas relações, tudo para que as pessoas e a sociedade sejam mais sensíveis e maduras, mais justas e solidárias.

Considero interessante citar aqui algumas palavras do P. Arturo Sosa, Padre Geral da Companhia de Jesus, na sua Homilia da Missa de Clausura da CG 36<sup>a</sup>, em 12 de Novembro de 2016:

«O processo de discernimento da Companhia [...] coloca-nos perante o desafio de nos tornarmos ministros da reconciliação num mundo que não parou durante as nossas deliberações. As feridas da guerra continuam a aprofundar-se, os fluxos de refugiados crescem, os sofrimentos dos migrantes afetam-nos cada vez mais, o Mediterrâneo engoliu dezenas de pessoas durante estas semanas que passámos juntos. As desigualdades entre os povos e dentro das nações são o sinal do mundo que despreza a humanidade. A política – essa «arte» de negociar para pôr o bem comum por cima dos interesses particulares – continua a debilitar-se diante dos nossos olhos. De facto, os interesses particulares, mascarados sob a capa de nacionalismos, elegem governantes e toma decisões que bloqueiam os processos de integração e actuação como cidadãos do mundo. A política não consegue transformar-se na maneira humana de tomar decisões razoáveis através da renúncia a vergar-se às imposições dos poderosos. O desejo profundo das mães e das crianças de todas as partes do mundo de poderem viver em paz, com relações fundadas na justiça, parece recuar no meio dos conflitos e guerras motivados por razões opostas ao amor que nos permite viver.

O nosso discernimento leva-nos a ver este mundo com os olhos dos pobres e a colaborar com eles para fazer crescer a vida verdadeira. Convida-nos a ir às periferias e a procurar compreender como enfrentar globalmente a totalidade da crise que impede a maior parte da humanidade de atingir as condições mínimas de vida, e que põe em risco a vida sobre o planeta Terra, para dar espaço à Boa Nova. O nosso apostolado é, portanto, necessariamente, intelectual. [...] Se abrirmos o nosso coração à ação do Espírito Santo e as nossas mentes à verdade do amor de Deus, não beberemos o veneno das ideologias que justificam a opressão, a violência entre os seres humanos e a exploração irracional dos recursos naturais. A nossa fé em Cristo morto e ressuscitado permitir-nos-á contribuir, com tantos homens e mulheres de boa vontade, para impor as mãos sobre este mundo doente e ajudar à sua cura».

É toda esta realidade que continua a fazer premente a presença da Universidade Católica no mundo universitário e da cultura. A Universidade tem o dever de ensinar e investigar, tendo sempre, como centro, o ser humano e o seu bem. O apostolado intelectual, sabemos-lo bem, é exigente e, por vezes, muito solitário. Mas foi e é uma aposta da Igreja, porque, a partir dele, se pode construir ou destruir a verdade e uma forma diferente de *ser* e *estar* numa sociedade.

Estamos num tempo que não é melhor nem pior do que os outros. É o nosso tempo, aquele que temos como dom. É este o nosso tempo, aquele no qual temos de agir e lutar para que o presente e o futuro sejam mais humanos e, por isso, mais divinos.

Neste momento, uma das maiores dificuldades pelas quais lutamos prende-se com a baixa de natalidade que o nosso país sofre e que vem provocando uma redução preocupante da frequência das instituições académicas. Por outro lado, para agravar a situação, a confusão ideológica, abusiva e premeditada, que frequentemente se faz no mundo da política e dos *media*, ao identificar-se serviço público com serviço estatal, tem como consequência o esvaziamento dos apoios do Estado a quem presta um serviço público não estatal, colocando estas instituições em situação desigual e à beira da asfixia financeira. Esta identificação em nada beneficia uma sã concorrência entre instituições e projetos científicos e educativos, estatais ou não, na sua busca constante pela melhor qualidade no ensinar e no aprender. Em educação, como em qualquer serviço público, o importante é que esse serviço seja de qualidade, não importando quem o presta. Para que tal aconteça, ao Estado apenas se lhe pede que crie condições políticas, sociais e económicas justas e equitativas, e não constituir-se, ele próprio, como “educador” ou “dono da educação”, posição redutora e perigosa, porque atenta contra o direito que os pais e educandos têm para, livremente e sem qualquer discriminação, escolherem a instituição e educação que mais se adequa ao seu projeto educativo.

A *ex-Faculdade de Filosofia* foi sempre muito procurada pela sua qualidade e pela aposta que fez na formação de professores nas áreas da Filosofia e das Humanidades. Hoje, a *Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais*, continuando na aposta da qualidade, não pode perder de vista a Filosofia, como área privilegiada para a interdisciplinaridade, e as Humanidades, áreas que possibilitam aos seus Alunos competências para uma leitura mais crítica mundo, a fim de que, realisticamente, possam nele intervir com ações concretas de criação de humanidade no serviço de todos. Um sistema de ensino deve preparar-se para alterar o que no mundo vai mal e propor novos

rumos para a dignificação de cada ser humano. Uma ciência que não sirva o homem, para nada serve.

Nesta linha, a *Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais* tem de se abrir, como já o vem fazendo há alguns anos, a outras áreas do saber, indo ao encontro do que a sociedade lhe vai pedindo, além de ter de antecipar o que a mesma vai necessitando. É por isso urgente continuarmos a apostar na diversificação da nossa oferta no serviço.

Toda esta estratégia exige um ponto prévio: união efetiva e afetiva neste projeto a nível da Faculdade, do *Centro Regional de Braga* e da *Universidade Católica*. A gestão de todas estas potencialidades e dificuldades exige de todos nós, como corpo, união e coragem, no respeito, em equilíbrio, de cada Colaborador com os interesses da Instituição.

Temos, nestes próximos anos, além destes desafios, a questão da manutenção e reestruturação de algumas infraestruturas que permitam um desempenho condigno da nossa missão.

Perante vós e para concluir, reafirmo que, com a equipa que me acompanha e em corresponsabilização com todos os Colaboradores, nos propomos desempenhar a missão que nos foi conferida, numa relação de lealdade para com a Senhora Reitora e a UCP. Tanto quanto possível, cada um deve esforçar-se por ver-se parte integrante deste projeto porque ele é de todos.

Agradeço a cada um que, através de uma crítica positiva e construtiva, me vá ensinando como poderemos, em união, construir uma Faculdade digna do nome que consigo leva, Católica.

Muito obrigado a todos!

P. José Manuel Martins Lopes.